

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA MARIA ALVES SANTOS

**REDES SOCIAIS E APRENDIZAGEM ESCOLAR: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO EM UM
COLÉGIO ESTADUAL DE CURITIBA / PR**

CURITIBA
2025

ANA MARIA ALVES SANTOS

**REDES SOCIAIS E APRENDIZAGEM ESCOLAR: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO EM UM
COLÉGIO ESTADUAL DE CURITIBA / PR**

Projeto de pesquisa apresentado como
requisito para obtenção do título de
especialista, no Curso de Especialização de
Mídias em Educação, da Universidade
Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Valéria da
Costa

CURITIBA
2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO MÍDIAS NA EDUCAÇÃO -
40001016401E1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Mídias na Educação da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Monografia de Especialização de **ANA MARIA ALVES SANTOS**, intitulada: **REDES SOCIAIS E APRENDIZAGEM ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO EM UM COLÉGIO ESTADUAL DE CURITIBA / PR**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.
A outorga do título de especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 10 de Novembro de 2025.

MARIA VALÉRIA DA COSTA

Presidente da Banca Examinadora

MAURA REGINA FRANCO

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

REDES SOCIAIS E APRENDIZAGEM ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO EM UM COLÉGIO ESTADUAL DE CURITIBA / PR

Ana Maria Alves Santos

RESUMO

As transformações tecnológicas a partir da década de 1990 modificaram radicalmente as relações sociais e escolares de adolescentes e jovens, intensificando-se com o advento das redes sociais no início dos anos 2000 e consolidando-se na década de 2010 com plataformas visuais e interativas. No âmbito do Ensino Médio, essas redes assumem papel central no cotidiano dos estudantes como espaços de sociabilidade, construção identitária e, potencialmente, de aprendizagem. Este relato de experiência permitiu identificar e analisar o impacto do uso das redes sociais no processo de aprendizado dos alunos do 3º ano do ensino médio, considerando tanto os aspectos positivos quanto os negativos, mediante observação direta em sala de aula e nos intervalos das aulas e durante o recreio, durante o mês de setembro de 2025. Os resultados indicaram que o uso constante desses recursos pode gerar dispersão e prejuízo à concentração, confirmando preocupações sobre os impactos da hiperconectividade. Por outro lado, evidenciou-se que alunos que utilizam as redes de forma crítica e orientada conseguem trazer conteúdos relevantes para debates, enriquecendo o ensino/aprendizagem. Conclui-se que para explorar positivamente esse potencial, são necessárias a mediação docente e a adoção de metodologias ativas, de modo a transformar o estudante de consumidor passivo em agente ativo no processo educativo.

Palavras-chave: Redes Sociais Digitais; Ensino Médio; Aprendizagem; Mediação Pedagógica; Tecnologias Educacionais

ABSTRACT

Technological transformations since the 1990s have radically modified the social and school relationships of adolescents and young people, intensifying with the advent of social networks in the early 2000s and consolidating in the 2010s with visual and interactive platforms. Within secondary education, these networks assume a central role in the daily lives of students as spaces for sociability, identity construction, and potentially, learning. This experience report allowed us to identify and analyze the impact of social media use on the learning process of 3rd-year high school students, considering both positive and negative aspects, through direct observation in the classroom and during breaks and recess, during the month of September 2025. The results indicated that the constant use of these resources can generate distraction and impair concentration, confirming concerns about the impacts of hyperconnectivity. On the other hand, it was evident that students who use networks in a critical and guided way are able to bring relevant content to debates, enriching teaching/learning. It is concluded that to positively explore this potential, teacher mediation and the adoption of active methodologies are necessary, in order to transform the student from a passive consumer into an active agent in the educational process.

Keywords: Digital Social Networks; High School; Learning; Pedagogical Mediation; Educational Technologies.

1 INTRODUÇÃO

As transformações tecnológicas iniciadas na década de 1990, com a popularização da Internet e, posteriormente, o surgimento das redes sociais e das plataformas de interação digital, modificaram profundamente as formas de comunicação e relacionamento entre as pessoas, e logo encontrou maior adesão entre os adolescentes e jovens, uma vez que os adultos fazem parte de uma geração mais analógica. Essas mudanças se intensificaram a partir dos anos 2000, quando o uso das tecnologias digitais passou a ocupar papel central na vida cotidiana e nas dinâmicas sociais influenciando comportamentos, valores e modos de aprender.

Sobre essa mudança estudos de Castells (2003, p. 67) mostram que a sociedade contemporânea é marcada pela emergência de uma “sociedade em rede”, na qual a informação e a comunicação mediadas pela tecnologia transformam todas as esferas da vida social. Para Lévy (1999, p. 17), esse novo contexto digital promove a inteligência coletiva e amplia os espaços de aprendizagem, embora também gere desafios no modo como os sujeitos constroem conhecimento e identidade. Nessa perspectiva, Moran (2015, p. 23) destaca que as tecnologias digitais potencializam as interações e a aprendizagem, desde que sejam mediadas de forma crítica e reflexiva no ambiente educacional.

Com o avanço das tecnologias digitais e a expansão da Internet, aumentaram as possibilidades de comunicação e circulação de informações em escala global.

Em um cenário de constantes transformações que nascem as crianças descritas como mais inteligentes, curiosas, ansiosas, muito mais independentes e com um amplo potencial de resolução de problemas. O escritor e pesquisador australiano McCrindle (2014, p. 218, tradução nossa), descreve e nomeia esta geração da seguinte maneira: “De XYZ a Alpha: Eles não são o fim da antiga ou a reciclagem da atual, mas o começo de algo novo – é por isso que são chamados de Geração Alpha” (Labre e Garcia 2021, p. 41-42).

Portanto o processo educativo precisou ser redimensionado, exigindo novas práticas pedagógicas e a ressignificação dos papéis de todos os sujeitos envolvidos: estudantes, professores e até mesmo os pais ou responsáveis.

As novas gerações, marcadas pelo contato precoce e contínuo com dispositivos digitais, influenciam diretamente o modo como a escola se organiza e constrói suas propostas educativas. Os jogos eletrônicos, por exemplo, podem

favorecer o desenvolvimento de diferentes habilidades como o trabalho colaborativo, o raciocínio lógico, a coordenação motora fina, a criatividade e a capacidade de percepção em ambientes complexos. Tais habilidades, quando reconhecidas e integradas ao contexto escolar podem contribuir para práticas pedagógicas mais alinhadas aos desafios contemporâneos demandando da escola uma reorganização curricular e metodológica.

As redes sociais e os dispositivos digitais, quando utilizados de forma orientada e pedagógica, podem representar importantes recursos para o ensino e a aprendizagem. No entanto, sua inserção no ambiente escolar requer reflexão crítica, planejamento e compreensão de que ensinar e aprender diante das tecnologias digitais, envolve novas formas de interação, produção de conhecimento e participação social.

Dessa forma, ao valorizar essas ferramentas como instrumentos de aprendizagem e ao normatizar sua utilização, a escola contribui para a formação de sujeitos capazes de atuar de maneira ética, crítica e responsável na sociedade, cuidando de sua saúde física, emocional e de seu papel como cidadãos.

O desenvolvimento desse relato de experiência permitiu identificar e analisar o impacto do uso das redes sociais no processo de aprendizado dos alunos do 3º ano ensino médio, considerando tanto os aspectos positivos quanto os negativos. Além de reconhecer os desafios e riscos associados ao uso excessivo das mídias digitais como a dispersão e a perda de foco, o relato de experiência também buscou compreender as potencialidades pedagógicas dessas ferramentas, especialmente quando utilizadas de forma crítica, orientada e integrada às práticas de ensino-aprendizagem.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A escola constitui-se como uma das instituições sociais de maior relevância, uma vez que, em contextos de constantes transformações é responsável por garantir o acesso à escolarização e ao letramento necessários para que os indivíduos possam compreender, selecionar e utilizar de forma crítica as informações disponíveis na sociedade.

2.1 TECNOLOGIA A SERVIÇO DA APRENDIZAGEM

Considerando o cenário contemporâneo marcado pela presença constante no dia a dia das pessoas de tecnologias digitais, principalmente da comunicação em rede ou redes sociais como os populares aplicativos Instagram, TikTok, WhatsApp entre outros, torna-se evidente que a escola enfrenta novos desafios em relação à concentração, ao engajamento e à mediação pedagógica dos estudantes uma vez que o uso dessa forma de comunicação, não se restringe ao ambiente doméstico ou social.

Atualmente, o uso dos dispositivos móveis e das redes sociais ao mesmo tempo em que ampliam o acesso à informação, também podem interferir nos processos de atenção e comunicação interpessoal.

Trazendo essa realidade do uso dos aparelhos móveis (celulares) do ambiente social para o acadêmico, Sibilia (2012, p. 185) afirma que tais dispositivos “[...] se converteram em novos e poderosos agentes de dispersão” alertando para um possível contraste entre “[...] o confinamento da sala de aula e a liberdade ilimitada das redes digitais”.

Diante dessa problemática, comprehende-se que a utilização das tecnologias no ambiente escolar não pode ocorrer de forma desregulada ou desprovida de orientação. É necessário que o estudante desenvolva um olhar crítico sobre as informações que acessa e compartilha, evitando práticas superficiais de consumo digital. Nessa perspectiva, Kenski (2012, p. 57) reforça que o uso acrítico das tecnologias tende a transformar o estudante em mero consumidor de informações, sem reflexão ou análise. A autora defende que a integração pedagógica das redes sociais deve ocorrer com mediação docente e intencionalidade educativa, para que os recursos tecnológicos sejam transformados em instrumentos de aprendizagem ativa.

Para Freire (1996, p. 67), a educação deve basear-se em um diálogo autêntico, uma vez que é “no encontro dos que se educam entre si, mediatizados pelo mundo, que o processo educativo acontece”.

Atualmente como para o enfrentamento do uso constante de tecnologias móveis pelos estudantes o processo de ensino precisou se reinventar. As estratégias de ensino passaram a considerar cada vez mais a participação ativa do estudante, buscando um maior engajamento e prazer pelo conhecimento.

O uso de metodologias ativas, principalmente a gamificação, responde ao propósito descrito, pois colocam o estudante como protagonista do próprio aprendizado participando de maneira colaborativa e reflexiva nas atividades propostas.

De acordo com Moran (2015, p. 18), “as metodologias ativas incentivam a interação, a autonomia e a corresponsabilidade, criando ambientes de aprendizagem mais colaborativos e significativos”. Ao envolver o aluno em situações reais de cooperação a aprendizagem deixa de ser apenas um processo individual e passa a ser uma construção coletiva. Essa perspectiva evidencia que a comunicação interpessoal eficaz é um pilar essencial nas metodologias ativas, pois permite a troca de saberes, o respeito mútuo e o fortalecimento das relações interpessoais.

Corroborando com o autor, Berbel (2011, p. 29) ressalta que as metodologias ativas “valorizam a confiança entre professor e aluno e a cooperação entre os pares, promovendo maior engajamento e comprometimento com a aprendizagem”, e porque não dizer, estimulam a comunicação entre pares.

Nesse processo de descentralizar a atenção dos estudantes do ensino médio, adolescentes em sua maioria da atenção destinada mais para a comunicação virtual do que para a presencial, no Brasil a utilização de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais especialmente telefones celulares em instituições de ensino da educação básica passou a ser regulamentada pela Lei nº 15.100/2025, com o objetivo de proteger a saúde mental, física e psíquica de crianças e adolescentes.

A legislação teve origem no Projeto de Lei nº 4.932/2024, de autoria do deputado federal Alceu Moreira (MDB-RS), e foi aprovada pelo Congresso

Nacional, sendo sancionada pelo presidente da República em 13 de janeiro de 2025. No Senado Federal, a proposta foi relatada pelo senador Alessandro Vieira (MDB-SE), que enfatizou os efeitos negativos do uso indiscriminado de celulares no ambiente escolar, como a distração em sala de aula, o aumento do bullying e o comprometimento do desempenho acadêmico.

O objetivo da lei é equilibrar a inserção das tecnologias digitais no cotidiano escolar, garantindo que seu uso seja consciente e seguro para o desenvolvimento integral dos estudantes (BRASIL, 2025) e não proibir seu uso.

Aqui, o papel do professor como mediador do conhecimento torna-se fundamental para orientar os estudantes quanto ao uso correto das informações disponíveis na Internet. Portanto, o papel do professor vai além da mera transmissão de conteúdos.

A utilização das redes sociais tem se intensificado desde o início da década de 1990, influenciando diferentes aspectos da vida cotidiana, especialmente entre os jovens.

Os dados de usuários dos aplicativos, de acordo com Mark Zuckerberg (Presidente da Meta, plataforma agregadora dos aplicativos citados) que conectam pessoas ao redor do mundo como mostra o QUADRO 1, nos dão a dimensão da importância dessa forma de comunicação na atualidade.

QUADRO 1 – Número aproximado de usuários de redes sociais

APLICATIVO	NÚMERO DE USUÁRIOS ATIVOS NO MUNDO	NÚMERO DE USUÁRIOS ATIVOS NO BRASIL
FACEBOOK	Cerca de 3,07 bilhões	Aproximadamente 112 milhões
INSTAGRAM	Cerca de 3 bilhões	Mais de 146,1 milhões
WhatsApp	Cerca de 3 bilhões	Cerca de 147 milhões, sendo o segundo país com mais usuários.

FONTE: Meta (2025)

Importante ressaltar, que houve uma mudança significativa de finalidade das redes sociais de conectar pessoas, para conectar prestadores de serviços e venda de produtos como por exemplo o Facebook cujo alcance publicitário,

segundo dados da empresa Meta em setembro de 2025, gira em torno de 59,2% da população brasileira.

Já o Instagram passou de uma plataforma de compartilhamento de fotos e vídeos curtos com outros usuários para funcionar também como uma plataforma para empresas promoverem marcas e produtos, conectando empresários e clientes. O crescimento dessa rede, ocorreu principalmente no período da pandemia do SARS-CoV-2 (vírus da família dos coronavírus – Covid-19) que acometeu a população mundial entre os anos de 2020 e 2021.

Naquele período, observou-se um aumento de compartilhamento de conteúdos como *Stories* (vídeos curtos que desaparecem em 24 horas), *Reels* (vídeos curtos, na sua maioria divertidos), *Lives* (transmissão de vídeos ao vivo onde há uma interação entre transmissor e receptor). Além disso, o período de confinamento propiciou uma maior aproximação das pessoas via dispositivos eletrônicos. Assim, podemos afirmar que a realidade vivida hoje, é também reflexo de um período de distanciamento humano.

O aplicativo de mensagens WhatsApp foi lançado mundialmente em 2009 para os aparelhos com o sistema operacional iOS (iPhone) e em 2010 para aparelhos com o sistema operacional Android. Esse é o aplicativo mais popular no Brasil sendo usado para a comunicação pessoal e profissional.

QUADRO 2 – PLATAFORMAS DE MÍDIAS

APLICATIVO	NÚMERO DE USUÁRIOS ATIVOS NO MUNDO	NÚMERO DE USUÁRIOS ATIVOS NO BRASIL
YouTube	2,5 bilhões	Aproximadamente 140 milhões
TikTok	Aproximadamente 1,59 bilhão	Quase 105,3 milhões

FONTE: Adaptado de Forbes Tech (2025)

O QUADRO 2, apresenta outras plataformas de mídias muito populares no mundo e no Brasil, sendo o YouTube a plataforma mais utilizada no mundo, ficando atrás apenas do Google. O TikTok, de origem chinesa, é uma plataforma de vídeos curtos cuja demografia de usuários é predominantemente de jovens entre 18 e 34 anos (Nunes, 2025).

No campo educacional essa presença digital tem gerado debates sobre seus efeitos no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo no Ensino Médio

que é uma etapa marcada por transformações cognitivas, emocionais e sociais que tornam os estudantes mais suscetíveis a influências de modo geral. É importante considerar, contudo, que o avanço das tecnologias tem transformado o cotidiano desses jovens que, mesmo relutantes em ler ou escrever tradicionalmente, utilizam constantemente a leitura e a escrita em ambientes digitais para se comunicar com amigos ou explorar conteúdos de seu interesse.

No tange a comunicação digital, Castells (2003, p.45) afirma que:

A sociedade contemporânea é caracterizada por um novo paradigma comunicacional, denominado sociedade em rede, no qual as relações sociais, culturais e econômicas passam a ser mediadas por tecnologias digitais. Nesse contexto, as redes sociais constituem espaços de construção identitária, sociabilidade e compartilhamento de informações. Para os adolescentes, elas representam um ambiente de pertencimento e expressão, mas também de exposição e distração (Castells, 2003, p. 45).

É importante reconhecer que as tecnologias digitais não devem ser vistas apenas como ameaça ou fator de distração, mas como ferramentas potencializadoras do conhecimento, quando utilizadas de forma planejada.

A inclusão desses recursos no cotidiano é inegável e pode promover maior engajamento, participação e autonomia dos estudantes, desde que articulada à propostas metodológicas significativas.

Segundo Moran (2015, p. 27),

As mídias digitais, quando utilizadas de forma orientada, podem despertar o interesse dos alunos, ampliar repertórios culturais e favorecer a autonomia intelectual, desde que acompanhadas de metodologias participativas.

Souza e Silva (2018, p. 92) apontam que a dinâmica fragmentada das redes sociais estimula o comportamento multitarefa, prejudicando a assimilação profunda do conhecimento. Isso se relaciona ao conceito de “atenção parcial contínua”, descrito por Carr (2011, p. 98), segundo o qual “a hiperconectividade altera o funcionamento cognitivo, reduzindo a capacidade de concentração prolongada”.

Além disso, o consumo acelerado de informações superficiais compromete o pensamento crítico, substituindo a compreensão analítica por respostas imediatistas

Por outro lado, é importante reconhecer as potencialidades pedagógicas das mídias digitais. Nessa linha, Ferreira (2024, p. 11) e Sobrinho et al. (2024, p. 29) evidenciam que plataformas como o YouTube, Instagram e TikTok podem ser integradas a práticas de ensino inovadoras, auxiliando na contextualização dos conteúdos e no desenvolvimento da linguagem multimodal.

Dessa forma, o impacto das redes sociais no aprendizado dos estudantes do Ensino Médio é um fenômeno ambivalente: ao mesmo tempo em que promove dispersão e superficialidade, também oferece oportunidades de inovação pedagógica.

Ao desempenhar seu papel como mediador, o professor propicia experiências de aprendizagem significativas e elabora estratégias pedagógicas que favorecem a aproximação dos alunos com o conhecimento, ao mesmo tempo em que disponibiliza os recursos culturais necessários para a apropriação crítica desses saberes.

A relevância do tema é reforçada pela já citada Lei nº 15.100/2025, que restringe o uso de celulares nas escolas e delega às redes de ensino a responsabilidade de estabelecer critérios pedagógicos para sua aplicação. Essa medida reflete a urgência de repensar as práticas educativas diante da crescente digitalização da vida escolar. Assim, compreender as dinâmicas de uso das redes sociais e desenvolver estratégias de mediação crítica são passos fundamentais para transformar tais recursos em aliados do processo de ensino-aprendizagem.

2.2 A TENDÊNCIA GRUPAL NA FASE DA ADOLESCÊNCIA

Segundo Outeiral (1994), a adolescência é uma etapa do desenvolvimento marcada pela formação da identidade, que se inicia com as transformações corporais da puberdade e se estende até a aquisição da maturidade emocional e da responsabilidade social.

O autor descreve três fases cruciais vivenciadas pelo indivíduo: inicialmente, o adolescente vivencia as mudanças do corpo; na sequência, ocorre o conflito entre gerações e busca por independência, incluindo a definição sexual; e, por fim, o foco desloca-se para a construção da identidade profissional e para a inserção social. De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2018, p. 13), a adolescência abrange o período entre 10 e 19 anos completos,

caracterizado por intensas transformações físicas, psicológicas e sociais, representando a transição da infância para a vida adulta. Essa definição institucional reforça a compreensão da adolescência como etapa de consolidação da identidade, busca de autonomia e desenvolvimento das relações sociais.

Para Knobel (1992), a adolescência apresenta dez manifestações de conduta típicas, como a 1. busca de si mesmo e da identidade; 2. tendência grupal; 3. necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4. crises religiosas; 5. Deslocalização temporal; 6. evolução sexual manifesta; 7. contradições comportamentais; 8. atitude social reivindicatória; 9. contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta; 10. separação progressiva dos pais; 10. constantes flutuações do humor.

Neste estudo, a tendência grupal foi priorizada como eixo de análise, dada a sua relevância para compreender as interações sociais entre os jovens, uma vez que para o autor ela é considerada um marco fundamental do processo de formação da identidade e da socialização do jovem.

A tendência grupal, conforme Knobel (1992), refere-se à necessidade intensa que o adolescente manifesta de integrar-se a grupos de iguais, buscando neles referência, segurança e reconhecimento. Essa inclinação não é apenas social, mas também psicológica, pois está relacionada à transição entre a dependência infantil e a autonomia adulta. O grupo de pares torna-se um espaço de experimentação, onde o adolescente testa valores, comportamentos e atitudes, construindo gradativamente sua identidade e senso de pertencimento.

No grupo, o adolescente encontra apoio emocional e proteção simbólica frente às inseguranças próprias dessa fase, marcada por transformações corporais, afetivas e cognitivas. O pertencimento a uma coletividade de iguais funciona como um espelho: ao identificar-se com o outro, o jovem confirma quem é e quem deseja ser. Essa dinâmica grupal, portanto, desempenha papel decisivo na constituição do “eu”, favorecendo o desenvolvimento da autoconfiança e da capacidade de se posicionar socialmente.

O autor observa que a tendência grupal pode manifestar-se de forma ambígua: se, por um lado, representa um espaço de apoio e crescimento, por outro, pode conduzir à conformidade excessiva e à perda momentânea da individualidade, quando o adolescente se submete às normas e valores do grupo para ser aceito. Assim, a fase de tendência grupal exige equilíbrio entre a

necessidade de pertencimento e o processo de afirmação pessoal, dimensões que coexistem de modo tenso, mas complementar, no desenvolvimento adolescente.

Na sociedade contemporânea, as manifestações da tendência grupal descritas por Knobel (1992) assumem novas formas mediadas pelas tecnologias digitais e pelas redes sociais. O espaço físico de convivência, antes limitado à escola, à vizinhança ou aos encontros presenciais, foi ampliado para o ambiente virtual, onde os adolescentes constroem vínculos, compartilham experiências e reafirmam suas identidades.

As redes sociais, como Instagram, TikTok e WhatsApp, tornaram-se novos territórios de pertencimento, funcionando como extensões simbólicas dos grupos de pares. Nesses ambientes, o adolescente encontra a possibilidade de visibilidade, reconhecimento e aprovação social por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos. Esse mecanismo reforça a busca por aceitação e validação externa, elementos centrais na tendência grupal.

Entretanto, o ambiente digital também intensifica os dilemas próprios dessa fase. A comparação constante, a exposição exagerada e a busca por popularidade podem gerar sentimentos de inadequação, ansiedade e dependência da opinião alheia. Assim como na convivência presencial, o adolescente se vê diante do desafio de equilibrar sua necessidade de pertencimento com a construção de uma identidade autêntica. A diferença é que, nas redes, a dinâmica da aprovação é instantânea e pública, o que pode amplificar a vulnerabilidade emocional.

Ao mesmo tempo, as redes sociais também podem cumprir funções positivas no processo de socialização adolescente. Elas permitem o contato com diferentes grupos, culturas e formas de expressão, favorecendo a descoberta de afinidades e a experimentação de papéis sociais. Quando usadas de maneira crítica e consciente, essas plataformas podem fortalecer a autonomia e o senso de comunidade, ampliando as possibilidades de diálogo e aprendizagem entre pares.

Portanto, a leitura da tendência grupal à luz do contexto digital revela que o fenômeno, embora mantenha sua essência — a busca por pertencimento e identidade —, ganhou novas configurações mediadas pela cultura da conectividade. Cabe à escola e à família promover espaços de reflexão sobre o uso saudável das redes sociais, ajudando o adolescente a compreender que o

reconhecimento mais valioso não é aquele medido por curtidas, mas aquele que se constrói a partir da autenticidade e das relações significativas.

Considerando essas características próprias da adolescência, como a busca da identidade, a necessidade de pertencimento e a construção da autonomia (Outeiral, 1994; Knobel, 1992; BRASIL, 2018), o uso das tecnologias digitais e das redes sociais pelos jovens exige atenção especial no contexto educacional. O desafio não se limita à simples presença desses recursos em sala de aula, mas envolve a forma como são incorporados ao currículo e às práticas pedagógicas.

Desse modo, a compreensão dessa tendência é essencial para pais, educadores e profissionais que atuam com adolescentes, pois ela revela que o comportamento grupal, muitas vezes visto como “rebeldia” ou “pressão dos pares”, é, na realidade, um movimento natural de socialização e busca de identidade. A intervenção pedagógica e psicossocial, portanto, deve apoiar essa vivência, favorecendo a autonomia e a reflexão crítica do jovem sobre suas escolhas e sobre as influências que recebe do grupo.

3 METODOLOGIA

O presente estudo adota o método de relato de experiência, compreendido como uma modalidade de pesquisa qualitativa que busca descrever, de forma reflexiva e sistemática, uma prática vivenciada, permitindo compreender seus significados e contribuir para o avanço do conhecimento na área. Segundo Triviños (1987, p. 110):

O estudo do tipo relato de experiência tem como objetivo descrever, de forma reflexiva e sistemática, uma prática vivenciada, buscando compreender seus significados e contribuir para o avanço do conhecimento na área.

A observação envolveu 104 alunos do 3º ano do Ensino Médio, sendo 49 meninos e 55 meninas, distribuídos em três turmas de um colégio estadual em Curitiba, no período matutino. A seleção das turmas foi realizada refletindo o contexto de uma instituição pública. O estudo foi conduzido por meio de observação direta em sala de aula e nos intervalos das aulas, registrando o comportamento dos estudantes em relação ao uso de dispositivos móveis e redes sociais.

Nesse sentido, o relato de experiência não se limita apenas à descrição dos fatos, mas envolve a análise crítica e interpretativa do contexto e das ações realizadas, valorizando a experiência do pesquisador como fonte legítima de conhecimento.

Conforme destacam Lüdke e André (1986, p. 45), “o relato de experiência representa uma forma de investigação qualitativa que parte da vivência do pesquisador em determinado contexto, buscando analisar e interpretar a prática educativa a partir de sua própria realidade”. Assim, essa abordagem favorece a construção de reflexões fundamentadas na prática, fortalecendo a articulação entre teoria e experiência profissional.

Durante o acompanhamento das aulas e dos intervalos, constatou-se que o uso das redes sociais era uma prática recorrente entre os alunos, que acessavam frequentemente seus dispositivos móveis, mesmo durante as explicações docentes. Esse comportamento mostrou-se em desacordo com a proibição vigente para o uso dos aparelhos durante as aulas e nas dependências da escola. Observou-se ainda, que embora permanecessem fisicamente próximos, os estudantes apresentavam reduzida interação interpessoal, concentrando-se individualmente em seus celulares. A interação social ocorria, portanto, de maneira restrita ao ambiente virtual, evidenciando que, apesar da convivência presencial, muitos alunos estavam imersos em seus próprios mundos digitais, assistindo a vídeos, jogando ou trocando mensagens com pessoas externas ao contexto escolar. Essa situação revela um desafio significativo para o processo educativo, uma vez que a socialização e a comunicação presencial são elementos fundamentais para a construção coletiva do conhecimento.

Identificou-se que parte dos discentes apresentava dificuldades de concentração, dispersando-se diante de notificações recebidas nos aplicativos. Tais achados corroboram com estudos que apontam o impacto das tecnologias digitais sobre os processos atencionais, indicando que a hiperconectividade pode comprometer a capacidade de foco e a permanência em atividades cognitivas prolongadas (Carr, 2011, p. 98; Kenski, 2012, p. 57). Em algumas situações, observou-se ainda a reprodução de conteúdos superficiais oriundos da Internet, tratados pelos alunos como se fossem informações validadas academicamente, o que evidencia uma fragilidade no processo de análise crítica das fontes digitais, conforme também ressalta Moran (2015, p. 31), ao afirmar

que “a escola precisa formar sujeitos capazes de selecionar e avaliar a qualidade das informações disponíveis em rede”.

Por outro lado, constatou-se que determinados estudantes recorriam às mídias digitais para enriquecer debates acadêmicos, trazendo exemplos provenientes de vídeos de divulgação científica ou reportagens jornalísticas.

Esse comportamento revelou o potencial pedagógico das redes sociais quando utilizadas de forma crítica, seletiva e orientada, favorecendo a contextualização dos conteúdos escolares e ampliando as possibilidades de aprendizagem. Foi realizado um trabalho, com uma turma do 3º ano C, onde os estudantes apresentaram um trabalho sobre Assunto: Efeito na saúde mental após o uso de aparelhos eletrônicos e redes sociais, apresentando diversos fatores que corroboram com as informações citadas no relato de experiência.

De modo semelhante, Castells (2003, p. 45) destaca que a sociedade em rede redefine práticas sociais e educativas, exigindo da escola novos modos de integrar os recursos digitais ao processo pedagógico.

O procedimento de observação foi adotado com o propósito de identificar essas ambivalências no uso das plataformas digitais, de modo a compreender de maneira mais aprofundada sua repercussão sobre o processo de ensino-aprendizagem no Ensino Médio. Os dados observados evidenciaram que as redes sociais, embora representem riscos de dispersão e superficialidade, também oferecem oportunidades de inovação pedagógica, dependendo do modo como são mediadas no contexto escolar.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

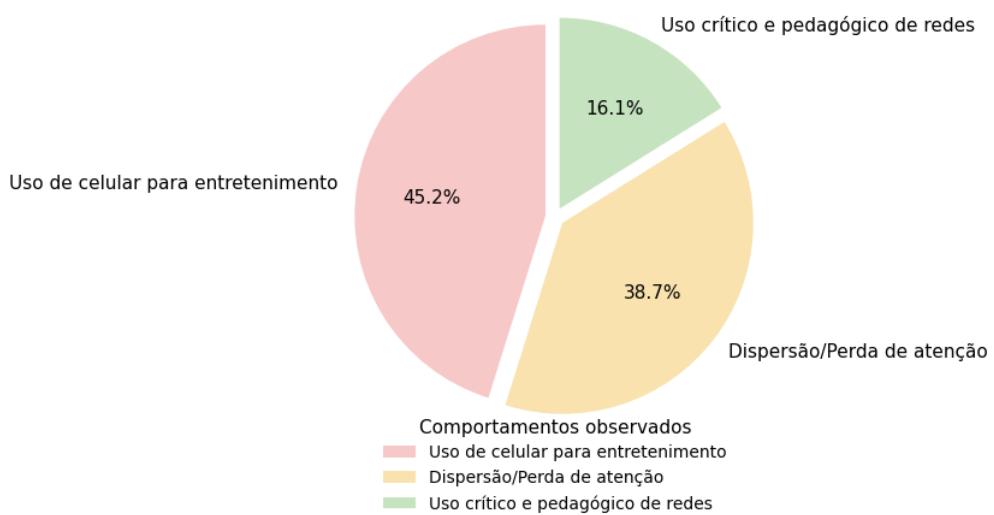
Dos comportamentos observados, a análise qualitativa possibilitou compreender como o uso das redes sociais influencia a participação em aula, a socialização e o engajamento acadêmico, fornecendo subsídios para discutir o papel dessas tecnologias na formação de sujeitos críticos e socialmente conscientes.

5.1 RESULTADOS POR CATEGORIA DE COMPORTAMENTO

5.1.1 Uso de celular para entretenimento

No GRÁFICO 1 podemos perceber que dos 104 alunos observados, 70% acessavam redes sociais ou jogavam durante a aula, frequentemente interrompendo a atenção nas explicações docentes.

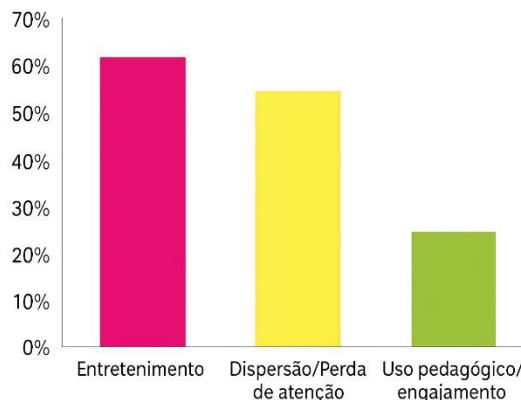
Gráfico 1 - Distribuição dos comportamentos observados entre os alunos



FONTE: A autora (2025)

A seguir, para a discussão das demais categorias, o GRÁFICO 2 será usado como referência.

GRÁFICO 2 – COMPORTAMENTOS OBSERVADOS DURANTE AS AULAS



FONTE: A autora (2025)

5.1.2 Dispersão e perda de atenção

O GRÁFICO 2, mostra que 60% dos alunos apresentaram dispersão frequente, motivada principalmente por notificações de aplicativos e conversas paralelas. De acordo com Carr (2011) e Kenski (2012), esses comportamentos apontam que a hiperconectividade pode prejudicar a concentração em atividades cognitivas prolongadas.

5.1.3 Uso pedagógico/engajamento acadêmico

Ainda no GRÁFICO 2, observa-se que 25% dos alunos utilizaram conteúdos digitais de forma crítica, apresentando vídeos de divulgação científica, reportagens e postagens educativas que enriqueceram os debates em sala. Esse comportamento evidencia que as tecnologias digitais, quando mediadas pedagogicamente, podem favorecer aprendizagens mais significativas e reflexivas.

De acordo com Lévy (1999), o ciberespaço possibilita a construção coletiva do conhecimento, por meio da inteligência colaborativa e da troca de saberes entre os sujeitos. Nessa mesma perspectiva, Castells (2003) destaca que a sociedade em rede amplia as formas de comunicação e de produção de

conhecimento, promovendo maior engajamento e participação dos indivíduos. Assim, o uso pedagógico das redes sociais demonstra seu potencial como instrumento de aprendizagem ativa, capaz de estimular o pensamento crítico e o protagonismo estudantil.

Os dados apresentados evidenciaram que a maioria dos estudantes utilizam os dispositivos móveis principalmente para o entretenimento e, em menor proporção, para fins pedagógicos. Essa tendência reflete um fenômeno contemporâneo em que o uso das tecnologias digitais, embora amplamente difundido, nem sempre é acompanhado por práticas de aprendizagem crítica e intencional.

Como destaca Sibilia (2012):

O espaço escolar vem disputando a atenção dos alunos com o universo digital, caracterizado pela instantaneidade, pelo excesso de estímulos e pela busca constante por visibilidade e interação. Essa realidade contribui para a dispersão e para a superficialidade das relações com o conhecimento (Sibilia, 2012, p. 195-211).

E ainda, para Moran (2015) a integração das tecnologias no contexto educacional exige mediação docente e intencionalidade pedagógica, pois o simples acesso às ferramentas digitais não garante a aprendizagem sendo necessário criar situações em que o aluno se torne protagonista e saiba transformar informação em conhecimento significativo.

Além disso, Souza e Silva (2018) ressaltam que o uso das redes sociais na educação pode ser produtivo quando associado a práticas colaborativas e reflexivas, favorecendo o engajamento e a autonomia dos estudantes. Isso reforça a importância de orientar o uso pedagógico das mídias digitais, de modo que elas deixem de ser apenas fontes de distração e passem a atuar como recursos para a construção coletiva do saber.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença das mídias digitais no cotidiano escolar tem transformado profundamente as formas de aprender e ensinar. Contudo, observa-se que muitos adolescentes tendem a preferir conteúdos superficiais e de rápido consumo, disponibilizados nas redes sociais, em detrimento do conhecimento pedagógico construído de maneira crítica e significativa. Esse cenário reforça a necessidade de repensar o papel do professor frente às tecnologias e de investir em sua formação continuada, para que possa orientar o uso consciente e produtivo dos recursos tecnológicos.

As constantes inovações tecnológicas no ambiente escolar evidenciaram que as redes sociais exercem forte influência sobre o comportamento e a aprendizagem dos adolescentes do 3º do ensino médio observado. Os resultados mostraram que, embora essas plataformas possam facilitar o acesso à informação e à comunicação, seu uso excessivo e sem orientação tende a gerar dispersão, superficialidade e perda de foco durante as atividades escolares.

Como destaca Kenski (2012), a tecnologia não é neutra: seu impacto depende da forma como é utilizada. Nesse sentido, o professor assume papel fundamental na mediação desses processos, orientando os estudantes para o uso crítico e responsável das mídias digitais.

Acredita-se que a solução para minimizar os efeitos negativos do uso das redes sociais em sala de aula esteja na alfabetização digital crítica e na formação continuada de professores, capacitando-os a integrar as tecnologias de forma pedagógica e ética. Como afirmam Recuero e Zago (2020, p. 84), “a formação digital crítica deve ensinar o estudante a compreender os espaços online, identificando suas dinâmicas e riscos, para agir de forma ética e segura”.

Dessa forma, propõe-se que o uso das tecnologias e das redes sociais no ambiente escolar seja pautado por objetivos educativos claros, favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico, da responsabilidade digital e da cidadania. Assim, a tecnologia deixa de ser uma fonte de distração e se torna uma aliada na construção de aprendizagens significativas e conscientes.

Ao mesmo tempo, é imprescindível reconhecer os riscos inerentes ao uso indiscriminado dessas ferramentas e articular estratégias que minimizem seus

efeitos negativos, consolidando uma abordagem equilibrada e cientificamente fundamentada para a integração das redes sociais no processo educacional.

Nesse sentido, a análise sugere que a escola desempenha papel central na mediação do uso das redes sociais, devendo implementar estratégias pedagógicas que incentivem a seleção crítica de informações, a reflexão sobre a confiabilidade das fontes digitais e o desenvolvimento de autonomia cognitiva. A integração equilibrada das redes sociais ao ambiente educacional pode, portanto, representar uma oportunidade de inovação nas práticas pedagógicas, ao passo que promove o engajamento dos alunos e a aproximação do conteúdo escolar à realidade digital em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- BACICH, L. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem prática. São Paulo: Papirus, 2015.
- BERBEL, N. A. N. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25–40, jan./jun. 2011.
- BRASIL. Lei nº 15.100, de 31 de janeiro de 2025. Restringe o uso de celulares nas escolas e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 31 jan. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. p. 13.
- CARR, N. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- FERREIRA, J. Redes sociais e educação: oportunidades e desafios no século XXI. **Revista Brasileira de Educação e Tecnologia**, v. 29, n. 2, p. 45-60, 2024.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- Forbes Tech. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/05/brasil-e-o-terceiro-pais-com-mais-usuarios-do-youtube-em-2023/> Acesso em: 01 nov. 2025.
- LABRE, T. H. M.; GARCIA, G. R. **O desafio pedagógico da Geração Alpha**. Documento eletrônico. Disponível em: <file:///C:/Users/valer/Downloads/zuilagc,+3+6682-24420-2-ED.pdf> Acesso em: 27 out. 2025.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MENDONÇA, R. S.; SILVA, T. F. Cibersegurança e o papel da educação no uso responsável da internet. **Revista Brasileira de Educação e Tecnologia**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 45-59, 2021.
- MORAN, J. M. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá In: BACICH, L. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2013.

NUNES, C. **Conheça os hábitos dos brasileiros no TikTok.** Disponível em: <https://extra.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2025/01/conheca-os-habitos-dos-brasileiros-no-tiktok.ghml> Acesso em 02 nov. 2025.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias:** o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KNOBEL, M. **A síndrome da adolescência normal.** In: ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 15–37.

OUTEIRAL, J. **Adolescência: uma visão psicanalítica.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes:** a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOBRINHO, Carlos et al. O impacto do uso das redes sociais no desempenho escolar dos adolescentes. **Cadernos de Educação Contemporânea**, v. 11, n. 1, p. 78-95, 2024.

SOUZA e SILVA, Adriana. Redes sociais digitais e aprendizagem escolar: potencialidades e riscos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 144, p. 1123-1140, 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.